

CATASTROFE E SOBREVIVÊNCIA EM "VIDAS SÊCAS"
DE GRACILIANO RAMOS E "THE GRAPES OF WRATH"
DE JOHN STEINBECK (*)

DAISY S. MASSAD

Há uma série de coincidências interessantes entre o grande romancista brasileiro Graciliano Ramos e o famoso romancista norte-americano John Steinbeck. Ambos são escritores regionalistas: apresentam em sua obra o drama do homem de suas terras, com suas lutas e seus conflitos íntimos. Graciliano Ramos mantém a linha regionalista em toda sua obra; Steinbeck se destaca na linha regionalista na década de 30. Graciliano Ramos é natural de Alagoas; Steinbeck é da Califórnia. Tanto um como outro tentaram primeiramente a vida literária fora de seu estado natal: Graciliano Ramos vai ao Rio de Janeiro, porém, sem sucesso, retorna à sua terra; Steinbeck se dirige a Nova Iorque: frustrado, volta à sua Califórnia. Graciliano Ramos, eleito prefeito de Palmeira dos Índios, redige um relatório sobre a região, chamando, assim, atenção para o seu nome. O interesse despertado pelo relatório leva-o a publicar seu primeiro romance: *Caetés*. Steinbeck consegue algum reconhecimento por parte dos leitores e da crítica literária após a publicação de seus romances: *The Pastures of Heaven* e *Tortilla Flat*. *Vidas Sêcas* é publicado em 1938, após um período amargo na vida de Graciliano Ramos: acusado de atividades subversivas, sofre sérias perseguições políticas que o levam à prisão. A impossibilidade de provar tais atividades restitui-lhe a liberdade. *The Grapes of Wrath* é publicado em 1939: a idéia do romance germina quando Steinbeck se compromete a publicar no "News" de San Francisco uma série de artigos sobre os acampamentos de trabalhadores nômades da Califórnia. *Vidas Sêcas* é considerada a melhor obra de Graciliano Ramos;

(*) Este trabalho foi apresentado no 2.º Seminário de Língua Inglesa e Literatura Norte-americana, em Brasília, no dia 13/1/71, seminário este patrocinado pela Comissão Fulbright em colaboração com a Universidade Federal de Brasília.

The Grapes of Wrath, aplaudida por muitos leitores e atacada por políticos parciais, também é considerada a melhor obra de Steinbeck. Os melhores romances de Graciliano Ramos foram escritos na década de 30; Steinbeck também escreve seus melhores romances na mesma década. Graciliano Ramos ingressa no Partido Comunista Brasileiro em 1946, concretizando, assim, o desejo de seus perseguidores; Steinbeck, apesar de não ser marxista, encontra no movimento proletário todo o vigor necessário para escrever seus romances. Foi chamado de “comunista” e “esquerdista visionário” por causa de sua preocupação e de sua ternura para com as vítimas das condições sociais injustas, assim como pela necessidade de reforma social que deixa transparecer claramente em suas primeiras obras. Somente nas décadas de 40 e 50 Steinbeck se afasta dos temas proletários e das vítimas da injustiça social. Graciliano Ramos põe em seus romances detalhes que presenciou sobre a passagem dos retirantes em busca de lugares melhores. Seus tipos humanos são frutos de vivência potencial, de experiência pessoal ou de observação direta da catástrofe que se abate sobre os retirantes nordestinos. Steinbeck, por sua vez, com o intuito de tornar seu relato fiel à realidade dos emigrantes americanos, acompanha a migração de famílias de Oklahoma rumo ao Oeste, chegando a permanecer em seus acampamentos por algum tempo. Um e outro contribuíram grandemente para enriquecer a galeria de escritores que cantaram e ainda cantam a sua terra natal. O amor à terra em que nasceram alido à observação direta possibilitam aos dois romancistas um estudo sério dos problemas enfrentados pelo homem em sua luta insana contra uma natureza flageladora, contra um sistema social injusto, e contra suas próprias paixões incontroláveis.

Tanto *Vidas Sêcas* como *The Grapes of Wrath* são romances de consciência social. Em *Vidas Sêcas* Graciliano Ramos retrata a estória pungente do homem nordestino que nasce condenado às imposições duras da terra, vivendo sob a contínua ameaça da seca. O enredo é simples: Fabiano, sua mulher Sinhá Vitória e os dois filhos que nem nome têm, atingidos pela seca, emigram à procura de uma região mais favorável. Chegam a uma fazenda abandonada e nela se fixam. Após entrar em acôrdo com o patrão, sempre ausente e distante, Fabiano trabalha nesta fazenda durante um período de bonança. Volta novamente a seca e o pequeno grupo se vê obrigado a retomar sua peregrinação, acossado pela miséria, porém animado por uma esperança vaga e sempre reno-

vada. Em *The Grapes of Wrath* Steinbeck dá o relato da catástrofe que atinge os arrendatários de um pedaço de terra do Dust Bowl, uma região sujeita a sêcas prolongadas, com tempestade de pó. A estória também é simples: Ma, Pa, seus filhos Tom, Noah, Al, Rosasharn, Ruthie e Winifield, e os avós, Grandpa e Grandma, que constituem a família Joad, perdem o direito de continuar trabalhando nas terras que vinham cultivando há longo tempo. Expulsos como animais indesejáveis, vêem-se obrigados a emigrar para outras terras. Sentem-se atraídos pela fertilidade e pela riqueza das terras da Califórnia e para lá se dirigem. Uma vez nelas, entretanto, apenas aumentam a fileira já grande de mão-de-obra emigrante. O trabalho, escasso e mal remunerado, torna desesperadora a situação dos Joads. Completamente à míngua, sem ter o que comer, nem ter onde trabalhar, resta-lhes a vaga e persistente esperança de sobreviverem.

Tanto Fabiano quanto os Joads sentem pesar sobre suas cabeças a mesma catástrofe: a luta contra a natureza e contra as injustiças sociais, a marginalização da comunidade humana, a passividade e a revolta íntima contra todos os que os exploram. E em meio a condições adversas, apegam-se à vida com tôdas as fôrças, lutando contra tudo e contra todos para sobreviverem.

O problema da *exploração social* é clamoroso tanto no romance brasileiro como no romance americano. A razão aparente do nomadismo de Fabiano está num fenômeno natural: a sêca. O drama do nordestino fugindo das terras flageladas pela estiagem já se tornou paisagem cotidiana da vida brasileira do nosso tempo. Privado de condições sociais e tecnológicas para resistir a ela, impotente, portanto, para enfrentá-la, o nordestino tem de necessariamente abandonar a terra assim que a sêca anuncia a destruição. A razão mais profunda do nomadismo de Fabiano, contudo, está no fato de ele não ser proprietário. As terras pertencem a grandes proprietários, verdadeiros latifundiários, poderosos senhores feudais. Suas glebas se perdem em extensão, porém, são terras pobres. Sua baixa rentabilidade faz com que seus proprietários sejam indiferentes e elas e à sina do nordestino que temporariamente se fixa nelas. Daí a miséria e a dispersão de Fabiano. Como todo nordestino, não se vincula à terra, pois esta não lhe pertence, nem titubeia em deixá-la no momento em que a sobrevivência se torna questionável.

Fabiano é prêsas fácil da exploração e do embuste do

patrão. Não tendo condições para cultivar uma roça, vê-se obrigado a comer da feira. Quando o dinheiro lhe falta, vende ao amo, por preço baixo, todo o “produto das sortes”. O ferro do patrão queima os animais de Fabiano. Não bastasse isto, na hora da partilha dos animais, quando tem de acertar as contas com o patrão, vê-se ludibriado. Receando ser mandado embora, transige e se rende ao roubo descarado do patrão.

Fabiano também é vítima da ação do govêrno, representada no romance pelo soldado amarelo. Não pode reagir à cobrança de impostos, nem pode se libertar de uma prisão absurda. Não lhe resta outra alternativa senão aceitar e transigir com as condições adversas que lhe são impostas: o impôsto, a prisão, o ínfimo e desumano salário, a desonesta partilha com o patrão.

Os Joads, ao contrário de Fabiano, não possuíam, até então, o caráter nômade. Estabelecidos na terra há longo tempo, dedicavam-se ao cultivo do algodão. A estiagem crônica e o desgaste natural da terra provocado pelo algodão transformam estas áreas produtivas em terras estéreis. Os arrendatários se vêem obrigados a fazer empréstimos de bancos ou de companhias financiadoras, a fim de ter condições de boas colheitas. Baixas colheitas, no entanto, não possibilitam o pagamento dos empréstimos. O problema é ainda agravado pelo crescente desenvolvimento tecnológico. Tomando o lugar do arrendatário, a máquina torna obsoleto o sistema de arrendamento: o serviço braçal de uma família pode ser facilmente executado por um homem dirigindo um trator. Obrigados, portanto, a entregar as terras oneradas aos bancos e companhias financiadoras, que podem dispor de todo um equipamento tecnológico, não lhes resta outra alternativa a não ser partir em busca de terras mais férteis.

Os Joads também são vítimas da espoliação e do embuste dos donos de armazéns. Ao longo do caminho a percorrer em direção ao Oeste, os proprietários de armazéns se aproveitam da situação dos emigrantes: vendem as provisões por preços duplicados. Os emigrantes, cansados e esfomeados, percebem o embuste, porém, para não morrerem de fome, aceitam e transigem com os pequenos proprietários. Também são expoliados pelo grande proprietário, ou seja, pelo patrão que, como no romance de Graciliano Ramos, o mais das vezes está ausente. Donos de glebas, delas cuidam à distância, controlando-as no papel, apenas se preocupando

com os lucros e as perdas. Contratam trabalhadores braçais para a colheita, pagam-lhes salário irrisório, já que a mão-de-obra é grande. As famílias, famintas, aceitam qualquer tipo de trabalho a qualquer preço. Não raras vêzes, tais proprietários possuem armazéns, uma espécie de cooperativa, onde os trabalhadores compram o ração alimento necessário à sobrevivência. Consequentemente, os emigrantes gastam tudo o que ganham no próprio local de trabalho, e os proprietários acabam recebendo de volta o próprio dinheiro. Outras vêzes, em vez de receberem salário, os emigrantes recebem vales, como acontece aos Joads, vales que lhes permite conseguir alimento em troca de um dia de trabalho exaustivo.

Os Joads também são vítimas da ação do govêrno que age de comum acôrdo com os grandes proprietários. Estes, a fim de defender suas propriedades da permanência ou da invasão dos emigrantes, contratam homens armados para amedrontá-los e expulsá-los. Expoliados, ludibriados, mal remunerados, a solução é seguir adiante, sempre adiante, a procura de trabalho.

A *marginalização involuntária da comunidade humana* é outro ponto comum ao romance brasileiro e ao americano. Em *Vidas Sêcas* Fabiano e sua pequena família são isolados geograficamente, socialmente e culturalmente. Vivem sós, num ponto perdido no espaço. Afastados de qualquer convívio social, a vida que levam é a de verdadeiros bichos de Mato. A reação de Fabiano, ao se misturar à coletividade, é de aturdimento, incompreensão e desconfiança. O mundo que o cerca é oprimente, cheio de desenganos e trapaçás. Todo contato social é penoso: o patrão, o feirante, o negociante, o bodegueiro, todos o furtam ou na medida, ou no preço, ou na conta. Como consequência do isolamento geográfico e social, há o isolamento cultural: mal falam, pouco falam, e mal sabem coordenar seus pensamentos. O mundo em que vivem é tão pequeno, suas necessidades são tão restritas, que nem é preciso falar. Faltam-lhes as palavras para designar as coisas que vêem no mundo grande, tão distante e alheio. Fabiano percebe que se houvesse a possibilidade de economizar algum dinheiro, seria outro homem: poderia possuir um roçado, seria respeitado, propiciaria educação aos filhos, enfim, tiraria sua família da vida de miséria e espezinamento, para viverem condignamente como seres humanos, integrados na comunidade humana.

Em *The Grapes of Wrath* os Joads se vêem marginaliza-

dos a partir do momento em que são arrancados da terra e se tornam errantes. Contudo, não são tão sós quanto Fabiano em sua luta contra a natureza e as injustiças sociais. As numerosas famílias que sofrem o mesmo drama dos Joads, procuram, na medida do possível, ajudar-se mutuamente, quer ao longo das estradas, quer nos acampamentos. Sem lar, sem trabalho, sujos e esfomeados, os emigrantes transformam-se nos odiados e temidos Okies: os proprietários de terras vêem nêles os indesejáveis emigrantes que poderão invadir seus domínios e nêles se fixar; os negociantes olham-nos com desconfiança, até se certificarem de que realmente possuem dinheiro para pagar as compras; os trabalhadores locais hostilizam-nos por verem nêles mais competidores para o trabalho mal remunerado. O único desejo dêstes emigrantes se resume em terra e comida: terra que lhes possibilite trabalhar a fim de conseguir dinheiro para prover o sustento e o bem-estar dos seus. Ma Joad, a cida-
dela da família e a personagem mais forte do livro, a exemplo de Fabiano, também se preocupa com a falta de estudos dos filhos menores, que crescem ao Deus dará. Ela entende que sòmente a fixação dos Joads na terra e a possibilidade de estudar, poderão fazer com que êles se integrem na comunidade humana.

A reação de Fabiano diante de um mundo hostil e desumano é a passividade. Contudo, a *passividade* se combina com um profundo sentimento de *revolta* em face das regras de um jôgo absurdo, regras que êle não discutiu, de cuja elaboração não participou e cujos autores ignora. Sua revolta é surda, íntima, sofrida, jamais transformada em ação. Fabiano se revolta contra a violência do soldado amarelo o qual, após provocá-lo e espancá-lo, joga-o numa cela da cadeia. A vontade de Fabiano é berrar para o juiz, para o delegado, para o vigário, para a cidade inteira a injustiça sofrida. Toda sua revolta, no entanto, se extravasa num grito que apenas assusta o carcereiro e os demais presos. De outra feita, na festa de Natal na cidade, sentindo-se inferior à multidão que o rodeia, vendo em cada pessoa um inimigo, Fabiano lança um desafio a todos. Por trás da provocação, porém, há mêdo e prudência: Fabiano sabe que acaba sempre sendo vencido, humilhado e ludibriado. A revolta se transforma novamente em aceitação resignada. A mesma situação se repete quando, insatisfeito com a vida de miséria e sofrimento, Fabiano pensa na possibilidade de se vingar de todos que o espezinham, entrando num bando de cangaceiros.

Outro desejo irrealizado, pois, sente-se preso à mulher e aos filhos. Em Fabiano, a revolta é apenas extravasamento. Ele está irremediavelmente condenado a um mundo de solidão e de sofrimento.

A passividade e a revolta também estão presentes nos personagens de *The Grapes of Wrath*. Os Joads se revoltam contra os Bancos e as Companhias Financiadoras, os monstros que os exploram e os expulsam das terras; contra a máquina que tira o trabalho de famílias inteiras e tenta destruí-los; contra o crime praticado pelos fazendeiros que, no intuito de manter elevado o preço de seus produtos, não titubeiam em destruir culturas inteiras de frutas, deixando-as apodrecer, jogando-as rio abaixo, ou queimando-as, jamais permitindo que os esfomeados emigrantes se apoderem delas para matar a fome. Impotentes para tomar qualquer iniciativa, a atitude deles é a mesma da de Fabiano: têm de se curvar a uma situação irremediável. Há ocasiões, no entanto, em que os Joads são capazes de agir, quer pela palavra, quer pela ação: na cooperativa, Ma deixa extravassar toda sua indignação contra o preço exagerado dos mantimentos, e tenta organizar uma revolta consciente dos emigrantes contra a exploração dos grandes proprietários. Este aspecto de conscientização de classe não aparece em *Vidas Secas*: Fabiano é só, tremendamente só. Em sua luta solitária jamais se apercebe de que a união faz a força. Já em *The Grapes of Wrath*, embora abafada pela força, há o germe da ação unificada. A diferença entre Fabiano e os Joads, portanto, está em que Fabiano jamais age.

Fabiano e os Joads são *frustrados em suas mais ínfimas aspirações* de transcender a miséria em que vivem. Fabiano não dispõe de meios para realizar o único desejo de Siná Vitéria: a compra de uma cama de couro. Os Joads também não conseguem realizar o grande sonho de Ma: morarem em uma casinha branca nas prometidas terras da Califórnia. Privados da terra e, conseqüentemente, do trabalho, não podem conseguir o mínimo que os arranque da condição sub-humana em que vivem e os conduza ao mínimo de dignidade que possibilite levarem uma vida realmente humana.

Apesar da frustração de tôdas suas aspirações, da hostilidade e da aspereza do mundo que os rodeia, tanto Fabiano quanto os Joads *jamais desistem de lutar*. Subjugados pela dominação latifundiária, pela ação do govêrno, pela espoliação dos negociantes, jamais lhes fenece o *desejo de viver*. É a luta pela vida contra a morte. É preciso viver. E para viver é preciso se opor à realidade, é preciso buscar uma saída daquele mundo desumano de opressão, de miséria e de morte. A catástrofe se abate sôbre êles, mas o instinto de conservação os faz subsistir herôicamente. É uma luta lenta, profunda, interminável. Quando Fabiano e sua pequena família retomam a peregrinação, o único bem que possuem é a vida, e a ela se apegam como náufragos, com a esperança tênue, porém jamais abandonada, de vencer. O mesmo sucede aos Joads: esfomeados, cansados, sem possibilidade de conseguir trabalho, chegam a um galpão para se proteger da chuva, sem possuir praticamente nada. Continuam, porém insaciáveis em seu amor pela vida, irresolutos em face da derrota final. E é com êste espírito que Rosasharn dá o seio para salvar a vida de um homem moribundo.

Para os milhares de Fabianos que vivem como bichos de um submundo, a única *possibilidade de resolução de seus problemas* está na integração ao sistema econômico vigente. Esta integração dar-se-ia de duas maneiras: a primeira delas seria pelo acesso à pequena propriedade, com a colaboração do govêrno promovendo, através da re-estruturação agrária, a integração do homem do campo no campo; uma segunda possibilidade seria a do êxodo rural, ou seja, a integração do homem do campo na cidade. Fabiano antevê as duas possibilidades, ao abandonar as terras castigadas pela sêca: pensa acomodar-se num sítio pequeno, cultivar um pedaço de terra, mudar-se depois para a cidade onde seus filhos possam frequentar escola e crescerem diferente dêle e de Sinhá Vitória. Pode ser que Fabiano resista à nova sêca, torne-se pequeno proprietário e se mude para a cidade. Fabiano também poderá fracasar, não conseguir resistir à longa estiagem, ou, mesmo resistindo, jamais se tornar pequeno proprietário. A possibilidade de realização ou de fracasso está aberta a Fabiano. Conseguirão Fabiano, Sinhá Vitória e seus meninos sobreviver? Ou terão êles a mesma sina da cachorrinha Baleia? Graciliano Ramos não dá a resposta.

Em *The Grapes of Wrath* Steinbeck analisa três possibilidades de solução dos problemas das famílias emigrantes. A primeira delas é a da caridade organizada, representada

pelo Exército da Salvação. Ma Joad ouve uma das emigrantes falar da humilhação que sentiu ao ver seu marido perder tôda dignidade para conseguir comida. Esta solução, portanto, é rejeitada. A segunda possibilidade está na oportunidade que o govêrno oferece aos emigrantes no acampamento de Weedpatch, para o restabelecimento de seu auto-respeito. São sustentados gratuitamente, até conseguir trabalho. Como no acampamento os emigrantes têm tudo, menos trabalho, a ação do govêrno, neste caso, não resolve o problema dos emigrantes. A terceira possibilidade, e a que coincide com a solução para Fabiano, está na iniciativa privada. É preciso que os Joads tenham um pedaço de terra para cultivar. Sômente com a terra e o trabalho poderão novamente erguer-se e viver dignamente como seres humanos. Pode ser que os Joads sobrevivam e consigam, um dia, tornar-se pequenos proprietários. Pode ser que não resistam à miséria e à fome. A possibilidade de realização ou de fracasso também está aberta aos Joads. Steinbeck, a exemplo de Graciliano Ramos, não dá a resposta.

Tais são as coincidências entre os dois romances. Suas estruturas, no entanto, são completamente diferentes. Graciliano Ramos escreve um romance composto de contos previamente publicados. Consegue atingir uma identidade perfeita entre forma e idéia. Seu estilo, assim como a vida dos seus personagens, é sêco, árido e estéril. Ele é melhor sucedido que Steinbeck cujo romance é uma mistura de narrativa e ensaios editoriais. Os ensaios quebram a sequência da estória dos Joads porém acrescentam, ao mesmo tempo, detalhes sôbre os problemas dos milhares de Fabianos espalhados por todo o mundo.

Vidas Sêcas e *The Grapes of Wrath* são, portanto, romances que apresentam a mesma problemática e chegam à mesma conclusão. Escritos na mesma época, por autores que jamais se conheceram e, provavelmente, na época em que publicaram seus livros, jamais ouviram falar um do outro, abordam, no entanto, a mesma situação e as mesmas reações de seus personagens. O Nordeste árido e a fértil Califórnia, tão distantes geograficamente, e tão semelhantes na injustiça social, possibilitaram, a êstes dois escritores regionalistas, escrever a tragédia dos pequenos e sempre esquecidos homens da terra.